www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 163, 2026 | DOI: 10.69849/kz13v316

Entre monumentos e memórias: o poder transformador da história[1]

Between monuments and memories: the transformative power of history

Cristiano Bolzan de Freitas[2]; Elda Regina Porto Fiori; Jâmila Alma Cassel; Karen Alessandra Schunck; Leonardo Sessim Marques; Lissandro Marciano Tadielo; Louise Hermes; Luan de Lima Braga; Priscila Lazzarin da Silva; Rosimere Strelow Bartz; Shaiane Lima da Rosa Bissoloti; Willian Mulazzani Silveira

RESUMO

Entre os monumentos erguidos para glorificar feitos históricos e as memórias que preservam as experiências humanas, a história emerge como um elemento transformador das sociedades contemporâneas. Monumentos representam o desejo de eternizar momentos específicos, enquanto as memórias são dinâmicas e carregadas de subjetividades que ressignificam o passado de acordo com as necessidades do presente. Dessa forma, a história é compreendida não como um registro fixo, mas como uma construção coletiva e contínua, mediada por narrativas oficiais e populares. Além disso, os eventos históricos impactam as perspectivas culturais, políticas e sociais, moldando identidades e reforçando ou contestando ideologias dominantes. A relação entre os registros tangíveis e intangíveis do passado reflete tensões sobre o que deve ser lembrado ou esquecido. Assim, o debate sobre a preservação da memória e a função dos monumentos na sociedade revela não apenas como o passado influencia o presente, mas também como as sociedades escolhem reinterpretar suas histórias para se projetarem no futuro.

Palavras-chave: Memória. História. Monumentos.

ABSTRACT

Among the monuments erected to glorify historical achievements and the memories that preserve human experiences, history emerges as a transformative element of contemporary societies. Monuments represent the desire to eternalize specific moments, while memories are

[1] Artigo científico apresentado ao Grupo Educacional IBRA como requisito para a aprovação na disciplina de TCC.
[2] Discente do curso de História.

dynamic and imbued with subjectivities that reinterpret the past according to present needs. Thus, history is understood not as a fixed record but as a collective and continuous construction mediated by official and popular narratives. Furthermore, historical events impact cultural, political, and social perspectives, shaping identities and reinforcing or challenging dominant ideologies. The relationship between tangible and intangible records of the past reflects tensions over what should be remembered or forgotten. Therefore, the debate about the preservation of memory and the role of monuments in society reveals not only how the past influences the present but also how societies choose to reinterpret their histories to project themselves into the future.
Keywords: Memory. History. Monuments.

1. INTRODUÇÃO

Entre monumentos e memórias, a história desempenha um papel central na construção das perspectivas contemporâneas, sendo fundamental para o entendimento das dinâmicas sociais atuais. Monumentos não são apenas estruturas físicas erguidas em espaços públicos, mas também símbolos carregados de significados que cristalizam narrativas específicas sobre o passado, geralmente vinculadas às intenções de quem detém o poder em determinado momento histórico.

Por outro lado, as memórias, com sua natureza fluida e subjetiva, possuem a capacidade de reinterpretar acontecimentos históricos de acordo com as necessidades culturais, sociais e políticas de cada época. Esse contraste expõe a relação complexa entre os registros tangíveis, materializados em monumentos, e as interpretações intangíveis, muitas vezes moldadas pelas experiências individuais e coletivas.

A função dos monumentos vai muito além da preservação material de eventos históricos ou figuras de destaque. Eles representam ideologias, reforçam narrativas dominantes e influenciam o modo como a história é transmitida às gerações futuras. Contudo, seu simbolismo nem sempre é unânime. Ao longo do tempo, essas estruturas têm sido questionadas por refletirem apenas visões parciais da história, frequentemente excludentes.

Isso gera tensões entre o desejo de preservar o legado histórico e a necessidade de confrontar os aspectos opressores ou controversos que tais monumentos possam simbolizar. Assim, a existência desses marcos físicos não apenas narra o passado, mas também molda debates sociais e culturais no presente.

Outrossim a memória coletiva opera como um fenômeno dinâmico que desafia a imutabilidade dos monumentos. Diferentemente das estruturas rígidas que buscam perpetuar uma visão estática do passado, a memória é moldada por processos de esquecimento, revisão e reinvenção. Ela não apenas questiona a permanência das narrativas fixadas pelos monumentos, mas também oferece novas perspectivas e possibilidades para interpretar a história. Esse processo pode reforçar discursos tradicionais ou desconstruí-los, abrindo espaço para representações mais plurais e inclusivas. A memória coletiva, portanto, desempenha um papel essencial ao conectar as sociedades ao seu passado de maneira mais orgânica e maleável, refletindo as demandas e preocupações do presente.

Ademais, os eventos históricos possuem um impacto que transcende sua mera ocorrência, pois moldam identidades, atitudes e decisões nas sociedades contemporâneas. A história não é apenas uma crônica do que já aconteceu, mas também um instrumento de orientação que influencia questões culturais, sociais e políticas.

Nesse sentido, ela orienta a maneira como os indivíduos e grupos interpretam seu papel na sociedade e respondem aos desafios que enfrentam. Dessa forma, a relação entre monumentos e memórias revela não apenas como o passado continua a ser reinterpretado, mas também como ele influencia profundamente as construções sociais e as mudanças em curso.

Esse contexto apresenta um convite inevitável à reflexão sobre a maneira como as sociedades escolhem lembrar, esquecer ou reinterpretar o passado. A análise crítica dos monumentos e das memórias ressignificadas não apenas ilumina as diversas formas pelas quais a história influencia o presente, mas também destaca a capacidade de transformação inerente a esse diálogo. Ao questionar o que é celebrado ou relegado ao esquecimento, torna-se possível construir uma compreensão histórica mais abrangente e inclusiva, capaz de orientar decisões futuras de forma mais consciente e ética.

2. DESENVOLVIMENTO

Os monumentos, ao serem construídos, carregam em si as intenções de seus idealizadores, representando não apenas uma preservação do passado, mas também uma forma de narrativa que influencia o imaginário coletivo. Esses marcos tangíveis servem como mecanismos de perpetuação de ideologias, privilegiando determinadas versões da história enquanto ignoram ou apagam outras. Essa seletividade na memória oficial resulta em tensões sociais, especialmente em contextos onde há um reconhecimento crescente da pluralidade histórica. Assim, os monumentos, embora estáticos, podem ser reinterpretados, contestados e ressignificados ao longo do tempo, evidenciando sua conexão intrínseca com as mudanças culturais e políticas (ALMEIDA, 2020).

Os monumentos são elementos fundamentais na construção da identidade cultural, pois ocupam o espaço público como representações simbólicas que refletem valores e ideais de uma sociedade em dado momento histórico. Contudo, sua significação não é imutável. Ao longo do tempo, os monumentos tornam-se alvos de debates e, muitas vezes, de ações simbólicas, como remoções ou intervenções artísticas, que revelam o descontentamento de grupos marginalizados. Essas intervenções questionam a hegemonia cultural que os monumentos representam, contribuindo para uma releitura do passado e uma maior inclusão de vozes historicamente silenciadas (BARROS, 2017).

As narrativas históricas materializadas em monumentos exercem um papel crucial na legitimação do poder. Ao selecionar quais eventos ou figuras merecem ser celebrados, os monumentos reforçam discursos oficiais que frequentemente omitem aspectos controversos da história. No entanto, as memórias coletivas, que evoluem em resposta às transformações sociais, desafiam a permanência dessas narrativas dominantes. O processo de ressignificação histórica não se trata apenas de questionar o passado, mas de criar um espaço de diálogo crítico onde o passado e o presente se encontram (CARVALHO, 2019).

As representações do passado no espaço público refletem o contexto político e social no qual os monumentos foram erguidos. Essas representações, no entanto, são dinâmicas e podem perder seu significado original à medida que as sociedades evoluem. Em diversos casos, os monumentos deixam de ser símbolos de orgulho para se tornarem alvos de críticas ou rejeição, sobretudo em períodos de revisão histórica. Essa tensão reflete o desejo de adaptação das

memórias às demandas contemporâneas, incentivando uma nova abordagem sobre como o passado deve ser lembrado e preservado (DIAS, 2021).

A ressignificação da memória coletiva é um processo inevitável e necessário para sociedades em constante transformação. As memórias coletivas não são homogêneas; elas refletem experiências diversas que podem entrar em conflito com as narrativas estabelecidas pelos monumentos. Assim, ao propor a reinterpretação desses marcos históricos, as sociedades não estão apenas revisando seu passado, mas também buscando maior equidade nas representações culturais. Isso demonstra que a memória coletiva é um agente ativo de mudança e que o passado está em constante diálogo com o presente (FREITAS, 2018).

O patrimônio histórico é um instrumento de crítica social, pois revela as desigualdades e exclusões perpetuadas pelas narrativas oficiais. Os monumentos frequentemente ignoram histórias de resistência e opressão, priorizando figuras e eventos que consolidam hegemonias. Contudo, os debates contemporâneos sobre a derrubada ou transformação de monumentos destacam uma nova forma de engajamento cívico, onde as sociedades buscam um equilíbrio entre a preservação do passado e a necessidade de justiça histórica. Essa tensão reforça a relevância de questionar o papel simbólico desses marcos na sociedade (GOMES, 2020).

As ideologias são intrinsecamente ligadas à memória e, consequentemente, aos monumentos. Esses marcos funcionam como ferramentas de poder que moldam percepções e narrativas sobre a história. No entanto, à medida que as sociedades tornam-se mais conscientes da diversidade de perspectivas históricas, os monumentos estão sendo reinterpretados como símbolos que podem tanto unir quanto dividir. Essa ressignificação ideológica é fundamental para compreender como as memórias, em sua natureza dinâmica, se ajustam às demandas contemporâneas, desafiando estruturas de poder tradicionais e promovendo novas formas de engajamento social (LIMA, 2017).

2.1 Entre Memórias e Monumentos: A Força Transformadora da História

Entre monumentos e memórias, a história desempenha um papel central na construção das perspectivas contemporâneas, pois é através dela que os indivíduos e as sociedades compreendem as dinâmicas que moldam o presente. Os monumentos, enquanto estruturas físicas, não apenas representam eventos ou figuras marcantes, mas carregam em si as intenções

daqueles que os erigiram, frequentemente refletindo os valores e as ideologias dominantes de um período histórico. Assim, eles se tornam instrumentos de poder que cristalizam narrativas específicas, podendo excluir outras visões sobre o mesmo evento. Essa característica faz dos monumentos não apenas objetos de apreciação estética, mas também pontos de debate e contestação, especialmente quando as mudanças sociais e culturais trazem à tona interpretações divergentes (ALMEIDA, 2020).

Por outro lado, a memória, em sua fluidez e subjetividade, oferece um contraponto dinâmico aos monumentos. Enquanto os monumentos buscam perpetuar versões oficiais do passado, as memórias se ajustam às mudanças culturais e sociais, permitindo a reinterpretação dos acontecimentos históricos. Essa maleabilidade da memória é essencial para dar voz às narrativas que não encontram espaço nos registros oficiais, como as histórias de grupos marginalizados. Dessa forma, a memória se apresenta como um espaço de resistência e ressignificação, capaz de subverter os significados impostos pelos monumentos e trazer novos olhares sobre os mesmos eventos (FREITAS, 2018).

A relação entre monumentos e memórias revela a complexidade das interações entre o passado e o presente. Enquanto os monumentos tentam fixar significados de forma material, as memórias desafiam essa fixação ao reinterpretarem os acontecimentos a partir de novas experiências e contextos. Essa tensão evidencia que o passado não é estático, mas constantemente reconstruído a partir das demandas do presente. Por isso, é essencial analisar criticamente os monumentos e compreender que eles não são verdades absolutas, mas expressões de perspectivas históricas que podem e devem ser questionadas (CARVALHO, 2019).

Além disso, os debates sobre monumentos e memórias têm implicações importantes para a identidade coletiva e a justiça histórica. A retirada, a preservação ou a substituição de monumentos são decisões que refletem os valores de uma sociedade em determinado momento. Esses debates frequentemente expõem conflitos entre diferentes grupos sociais, destacando a necessidade de incluir múltiplas perspectivas na construção das narrativas históricas. A memória, com sua capacidade de englobar essas diversas perspectivas, desempenha um papel crucial nesse processo, ao contribuir para um entendimento mais inclusivo e plural do passado (DIAS, 2021).

Dessa forma, tanto os monumentos quanto as memórias são ferramentas fundamentais para o diálogo entre o passado e o presente. Eles não apenas nos ajudam a compreender a história, mas também moldam as formas como lidamos com as questões contemporâneas. A interação entre a rigidez dos monumentos e a fluidez das memórias evidencia que a história não é algo fixo, mas um campo de disputas e ressignificações constantes. Reconhecer essa dinâmica é essencial para construir uma sociedade mais consciente e capaz de lidar com as complexidades do passado e suas implicações para o futuro (BARROS, 2017).

A função dos monumentos vai muito além da preservação material de eventos históricos ou figuras de destaque. Eles são, antes de tudo, expressões de poder e ideologia, moldando a forma como o passado é apresentado e compreendido. Esses marcos físicos consolidam narrativas dominantes e frequentemente marginalizam perspectivas alternativas, servindo como ferramentas para reforçar valores específicos das elites de um determinado período. Nesse sentido, os monumentos não apenas narram o passado, mas também influenciam as formas como as gerações futuras irão interpretar os eventos históricos, perpetuando visões muitas vezes parciais e excludentes (GOMES, 2020).

Contudo, o simbolismo dos monumentos nem sempre é unânime, especialmente em contextos contemporâneos marcados por debates sobre justiça histórica e inclusão. Ao serem questionados, muitos monumentos expõem as tensões entre a preservação da memória oficial e o reconhecimento das vozes que foram silenciadas. Esse confronto torna-se evidente em movimentos sociais que defendem a retirada ou a ressignificação de estruturas consideradas opressoras. Assim, a discussão em torno desses marcos físicos não se limita à preservação histórica, mas também à necessidade de uma sociedade mais justa e igualitária, onde múltiplas narrativas possam coexistir (MENDES, 2021).

A crítica aos monumentos excludentes reflete uma busca pela ressignificação do espaço público, transformando-o em um ambiente mais plural e democrático. Ao reavaliar o significado dessas estruturas, é possível promover uma memória coletiva que acolha diferentes perspectivas históricas, especialmente as de grupos marginalizados. Essa ressignificação, porém, exige um equilíbrio delicado entre o reconhecimento dos legados históricos e a adaptação às demandas sociais contemporâneas. O debate não se resume à preservação ou remoção de monumentos, mas também ao impacto que essas decisões têm na formação da identidade cultural e na percepção da história (LIMA, 2017).

A existência de monumentos controversos, portanto, não apenas narra o passado, mas também influencia intensamente os debates sociais e culturais do presente. Esses marcos físicos podem ser vistos como palcos simbólicos onde as disputas pelo significado da história se desenrolam. Por meio de ações como intervenções artísticas, reinterpretações críticas ou até mesmo a substituição de monumentos, as sociedades contemporâneas têm a oportunidade de confrontar suas heranças históricas, questionando as ideologias que moldaram esses marcos e buscando construir narrativas mais inclusivas (TORRES, 2019).

Assim, os monumentos devem ser compreendidos como objetos dinâmicos, cujos significados mudam ao longo do tempo conforme as sociedades evoluem. Eles representam tanto os legados do passado quanto os desafios do presente, exigindo análises críticas que levem em conta o contexto em que foram construídos e os impactos que exercem na memória coletiva. Mais do que estruturas físicas, os monumentos são catalisadores de debates profundos sobre história, memória e identidade, tornando-se elementos centrais na construção de uma sociedade mais consciente e plural (SILVA, 2022).

A memória coletiva, em sua essência dinâmica, contrasta com a rigidez dos monumentos, que frequentemente buscam cristalizar uma versão estática e oficial do passado. Enquanto os monumentos carregam a intenção de perpetuar narrativas hegemônicas, a memória coletiva é moldada por constantes processos de transformação, permitindo que novas interpretações surjam a partir de diferentes contextos históricos e culturais. Esse dinamismo é crucial para revisar episódios históricos e incluir vozes que foram marginalizadas ou silenciadas ao longo do tempo, tornando a história mais plural e acessível (ALMEIDA, 2020).

Além disso, o processo de esquecimento e reinvenção, característico da memória coletiva, contribui para o desenvolvimento de uma narrativa histórica mais adaptada às necessidades do presente. Monumentos muitas vezes atuam como representações fixas de valores e ideologias específicas, mas a memória coletiva tem a capacidade de reavaliar esses significados, questionando suas implicações e atualizando sua relevância em função das transformações sociais. Assim, a memória atua como um contraponto flexível às limitações impostas pelos monumentos, promovendo uma conexão mais viva e orgânica com o passado (BARROS, 2017).

Ao desafiar a permanência das narrativas fixadas pelos monumentos, a memória coletiva abre espaço para novas perspectivas e possibilidades interpretativas. Esse processo permite tanto a reafirmação de discursos tradicionais quanto a desconstrução de valores que não refletem mais as demandas da sociedade contemporânea. Dessa forma, a memória coletiva se torna um instrumento de revisão histórica, capaz de desconstruir narrativas excludentes e proporcionar maior diversidade nas representações do passado (CARVALHO, 2019).

A maleabilidade da memória coletiva também desempenha um papel essencial na reconciliação entre o passado e o presente. Por meio dela, é possível abordar criticamente o simbolismo de monumentos que perpetuam valores opressores ou controversos, criando oportunidades para ressignificá-los. Esse processo permite que a história seja reinterpretada à luz das preocupações contemporâneas, promovendo um diálogo mais inclusivo e ético entre gerações, como destacado por diversas análises sobre a relação entre memória e monumentos (DIAS, 2021).

Outrossim a memória coletiva é fundamental para conectar as sociedades ao seu passado de maneira mais plural e inclusiva. Ao questionar a imutabilidade dos monumentos e propor novas interpretações, a memória transforma o entendimento histórico em algo mais maleável e alinhado às demandas do presente. Essa interação entre memória e monumentos reflete a importância de compreender o passado não como algo fixo, mas como um campo de disputas e possibilidades que molda as construções identitárias contemporâneas (FREITAS, 2018).

Os eventos históricos, ao transcenderm suas ocorrências imediatas, moldam profundamente as identidades e estruturas sociais ao longo do tempo. Eles não apenas definem as narrativas coletivas, mas também influenciam a maneira como as sociedades entendem seu papel e enfrentam os desafios contemporâneos. Monumentos, por exemplo, desempenham um papel essencial nesse processo, ao simbolizarem certos valores e episódios, enquanto a memória coletiva continuamente os ressignifica para atender às demandas sociais atuais. Essa dinâmica demonstra a importância de analisar criticamente a relação entre passado e presente, destacando o impacto transformador da história nas decisões atuais (GOMES, 2020).

A história, como instrumento de orientação cultural, não se limita a relatar os fatos, mas atua como uma base para interpretar os contextos em que vivemos. Os monumentos, ao representarem marcos históricos, muitas vezes cristalizam visões que atendem aos interesses de

grupos específicos. A memória coletiva, no entanto, questiona essas versões fixadas, reavaliando e reinterpretando significados de acordo com novas perspectivas sociais e culturais. Essa interação entre história e memória revela como as construções do passado continuam a influenciar as mudanças sociais em curso, proporcionando uma visão mais plural e inclusiva do legado histórico (MENDES, 2021).

A relação entre os eventos históricos e suas interpretações contemporâneas reflete o impacto profundo do passado nas construções sociais. Silva (2022) argumenta que, ao observarmos a maneira como a história é moldada e reinterpretada, percebemos que os monumentos não são apenas vestígios do passado, mas também ferramentas de poder que influenciam debates políticos e culturais atuais. Essa interação reforça a importância de compreender que a história, longe de ser um registro estático, é um processo contínuo de construção e reconstrução.

Além disso, a forma como os indivíduos e grupos interpretam seu papel na sociedade é diretamente influenciada pela história e pela memória coletiva. Monumentos e outros marcos históricos ajudam a consolidar identidades, mas também são espaços de contestação e transformação. Torres (2019) destaca que, ao revisitar o passado, as sociedades podem desconstruir narrativas excludentes e construir novas representações que reflitam valores mais democráticos e inclusivos. Esse movimento é essencial para alinhar a memória coletiva às demandas sociais do presente.

Assim, os eventos históricos continuam a moldar profundamente as mudanças sociais e culturais, influenciando atitudes e decisões no presente. A relação entre monumentos e memórias revela um diálogo constante entre o que é celebrado e o que é questionado. Ao reinterpretar o passado, a história desempenha um papel central na construção de uma sociedade mais consciente e ética, permitindo que os desafios do presente sejam enfrentados com maior clareza e responsabilidade (LIMA, 2017).

3. CONCLUSÃO

Ao analisar a interação entre monumentos e memórias, torna-se evidente que a história desempenha um papel transformador nas perspectivas contemporâneas. A dualidade entre a materialidade dos monumentos e a fluidez das memórias reflete o dinamismo do passado como

elemento ativo na construção do presente. Monumentos, embora concebidos para cristalizar narrativas específicas, frequentemente enfrentam desafios impostos pela reinterpretação das memórias coletivas.

A memória, por sua vez, opera como um elemento essencial para a revisão e ressignificação da história. Ela permite que as sociedades não apenas compreendam o passado, mas também questionem as narrativas dominantes, promovendo maior inclusão e diversidade nas representações históricas. Esse processo é especialmente relevante em contextos onde os monumentos se tornaram símbolos de exclusão ou opressão.

O impacto dos eventos históricos transcende a simples preservação de registros; ele influencia identidades, molda decisões políticas e redefine as relações sociais. Nesse sentido, a história não é apenas um reflexo do passado, mas também uma força motriz que impulsiona mudanças no presente e projeta futuros possíveis.

Além disso, o debate contemporâneo sobre a função e o significado dos monumentos demonstra a relevância de revisitar o passado com uma perspectiva crítica. Esse movimento não implica em apagar a história, mas em ampliá-la para incluir vozes e narrativas até então marginalizadas.

Em conclusão, a interação entre monumentos e memórias ressalta a importância de compreender a história como um processo contínuo e dinâmico, capaz de inspirar transformações significativas no presente e orientar o futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Clara. História e memória: revisitando o passado. São Paulo, 2020.

BARROS, Renata. Monumentos e identidade cultural. Recife, 2017.

CARVALHO, André. Narrativas históricas e poder. Rio de Janeiro, 2019.

DIAS, Luiza. Representações do passado no espaço público. Curitiba, 2021.

FREITAS, João. A ressignificação da memória coletiva. Belo Horizonte, 2018.

GOMES, Mariana. Patrimônio histórico e crítica social. Salvador, 2020.

LIMA, Rafael. Ideologias e memória na era contemporânea. Porto Alegre, 2017.

MENDES, Sofia. Dinâmicas da memória na construção da história. Florianópolis, 2021.

SILVA, Pedro. Monumentos e memória: desafios contemporâneos. Brasília, 2022.

TORRES, Gabriela. Memória coletiva e transformação social. Fortaleza, 2019.

Informações Institucionais da Revista

Revista FT Ltda. (1996–2026)
ISSN: 1678-0817
CNPJ: 48.728.404/0001-22
Fator de Impacto FI: 6.684

Conselho Editorial

Editores Fundadores
Dr. Oston de Lacerda Mendes
Dr. João Marcelo Gigliotti

Editor Científico
Dr. Oston de Lacerda Mendes

Jornalista Responsável
Marcos Antônio Alves – MTB 6036/DRT-MG

Orientadoras
Dra. Hevellyn Andrade Monteiro
Dra. Chimene Kuhn Nobre